1.º Anno
N.º 8

Revista quinzenal illustrada
Litteratura e critica

ALA-MODERNA

Redacção, administração e typographia
R. de Payo Galvão—Typ. Minerva Vimaranense

Editor responsavel
Antonio de Castro Martins

Guimarães, 10 de Novembro de 1903

Proprietario e administrador
Antonio Dantas

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO

ALFREDO GUIMARÃES

Albino Forjaz de Sampayo

Os versos nervosos d'essa fulva e exotica *plaquette* que se chama «O Sol do Jordão», a estrebuxarem de ancia, dão-nos a impressão dolorosa — se bem que inda consoladôra — de os haver escripto um Poeta doentio e anatomico, tal a fria e glauca carnação do «Christo» morto, e a crucificada vida das «Mulheres-Perdidas», pallidas, voluptuosas, enlanguescidas...

E sobre este livro gritado, e luctuosamente soffrido, Albino Forjaz de Sampayo deu-nos o «Versos do Reino» — «um rosario de trovas ao gosto popular» — onde mais placida, na sua magua, a Alma d'Elle nos disse lindas trovas, com todo o infortunado anceio com que choram molles, pelas noites gelladas de luar, as guitarras dos marujos no labyrintho da Mouraria, ou mesmo aqui no nosso Minho melancholico e fresco, os operarios empobrecidos, sujos e fatigados do trabalho. «Versos do Reino»!... versos para todos nós, nervosos e chorões, crucificados e fadistas...

O fado foi sempre a musica langorosa e doentia da nossa terra, a nossa elegia nacional na aventura e na desgraça.

«Versos...» para os bairros sombrios e tragicos da mizeria nua, para os balcões floridos da Lisboa burgueza; versos para as eiras garridas e luarentas do Norte, para as guitarradas doces e tristes da Coimbra antiga e bohemia, e até para os morenos e nostalgicos embarcadiços algarvios, — esse livro chora, para todos as grandes mizerias humanas e a desventura casta dos amôres voluveis da minha provincia. E se no «Versos do Reyno» não ha a agitação nervosamente escalpellada e ruiva do «Sol do Jordão», está lá um negro resaibo torturoso e frio que nos faz chorar, no choro com que se ama...

Eu tenho muita esperança que o Poeta febril e *baudelaireano* faça estalar, consoladoramente! a corda hirta dos meus nervos, com a prosa forte do seu futuro livro «O Poente da Morte», do qual já li algumas paginas que me deixaram um gosto extranho de soffrer, na macabra e aspera lucta do «Coração do Mar», e na bafarada viciosa, fadista e aguardentada do

«Poente da Morte», que honra hoje as nossas paginas.

Elle hoje tem a grande consolação de ser já, com os seus verdes annos, um dos primeiros prosadôres da ultima geração; e o que pode o seu talento estão-nos ahi dois livros a affirmal-o e a prometter grandes e primorosos trabalhos que no futuro germinarão.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO

O POENTE DA MORTE

Ao Alfredo Guimarães

O auctor d'esta historia, este homem de quem vos fallo, foi meu professor.

Dom magrizel desgraçado, com quem a gente embirrava solemnemente, tinha para tudo um commentario seu, a que a sua prosa dava sempre o resaibo funebre de um borrão.

Nevrotica, doida e nevralgica, ora piedosamente complascente, ora ironica e sarcasticamente animada, era por vezes cynica, fria e dura como um arco de ferro, por vezes mystica, gelatinosa e espapada como a lama, assim baixa, assim cruel, assim avillanada.

Que elle, velho marau, que punha lodo nas estrellas e chascos de truão nos moribundos, sabia lá ser d'outra maneira!

Pois encontrei-o, depois de annos de ausencia, bebado, monologando sósinho, invectivando as estrellas, zigzagueando o cadaver chambão pela alfurja, em arremettidas desiquilibradas ás cantarias dos portaes. Paràva: depois, mascando a falla babujosa, tinha sarcasmos logicos, remoques idiotas e paraphraseamentos philosophicos d'uma transcendencia ebria.

Deixei-o só, senão quando me surgiu d'uma esquina, mal se sustendo nos pés, abarcando-me num achego carinhoso e fedorento de bebado: «*Menino, que horas são?* Tirava o chapeu da cabeça branca e estorcegando-me a gola do casaco grunhia: *Dás-me dez réis? Dás?* Vendo que eu não dava nada, não se lembrando mais de mim, largou-me, e como a rouqueira o não deixasse insultar os astros estiraçou-se num portal, rabujando pragas, e ali se deixou dormir sob os olhos clemenciosos das estrellas.

. . . . . .

*

Outra vez que me topou conheceu-me, e lá tive que ir com elle beberricar «*um vinhinho palhete de se lhe tirar o chapeu*» dizia.

Oh! nunca podera tragar o *rascante!* Lá fomos na via-sacra da bebedice, e elle, velho decilitreiro patusco, conhecido de todos os baiuqueiros, até me apresentou a uns prototypos de malandretes, que tinham ao tempo uma pacatez de boas pessoas de profissão.

A elle todos o acolhiam ás maravilhas, chrismando-lhe a mascara da Dôr, na alcunha reinadia de *Carcassa*. Era conhecido.

Em noites «*da bebeda*», como lhe chamava, tinha atraz de si aquelle versiculo desgraçado da assuada perseguidora dos garotos e vaganaus do sitio.

Familiarmente, contou-me então a sua vida, num direito de confidenciação que eu lhe tinha comprado, a troco de «*mais dois de verdasco de fazer estalar o ceu da bocca*».

Fôra estudante, da maruja, guarda livros, professor, sei lá! A sua iliada era feita de narrativas prenhes de picaras impressões. Como elle assim ha-de escrever o livro ignobil da minha adoração!

Estivera numa derrota. — «*Tu não sabes o que é uma derrota?... Baah....*» e fitante o ceu roxo, do poente que esmorecia, uma farrapada tunica de luz que escorre como um unguento uma longiqua e dorida saudade, apontava-me a cinta esbrazeada do horisonte, fulva e brilhante como um navio em braza, que vomitava catadupas de côr como a lava d'um vulcão, ullulando de eloquencia doida como o outro dia invectivara os astros perdido de bebado.

«*Pois foi assim, olha!... Foi assim tambem num poente! Poente da Morte lhe chamaram. E' um bonito nome Poente da Morte...*»

Sitio de guache onde uma rara oliveira malmedrada punha uma dedada esguia á luz, açoitada do vento como um corpo numa forca. «Nós tinhamos entrado em fogo á tarde, e lá para baixo o ruido do canhão e da espingardaria não nos deixava parar. Eu tinha tonturas na pelle e acarinhava o gatilho num intimo regallo.

Fomos mandados avançar em toque de accellerado e quando chegamos não se viam senão manchas pretas, a mascarra negra dos vultos engalfinhados, abafando como um grande mar na opacidade d'um poente de sangue.

A corneta tocava a avançar desesperadamente o que fizemos, primeiro lentamente, depois com precisão. «*Chegava emfim a nossa vez da mocada. Era dár*».

Por toda a parte não se viam senão carretas estilhaçadas como carcassas de naus varadas ao abandono, armas destroçadas, partidas, cavallos mortos ainda seguros nos seus tirantes estrangalhados, e cadaveres roxados como o poente, de borco, dobrados; montões de corpos tersos, de carantonhas farruscas da polvora, algumas ainda num arreganho, outras numa cegueira de pavor, como a morte as tinha tomado. Corriamos a avançar de bayoneta armada. Ao meu lado um corneta recebeu um balazio entre os olhos que lhe quebrou a palla do bonet, abriu os braços e caiu para a frente numa grande chapuzada de banho. Tantos vi morrer! Alguns iam sem tugir nem mugir. Cahiam como tordos. Outros, numa cabriola inesperada, rebolavam por cima dos cavallos mortos, vascosos, largando a arma e iam morder a terra levando nos olhos toda a raiva de uma gorada vingança.

Ao largo só o grande esfumaçamento de tinta da China que se alastrava na mancebia surda da terra com a treva.

Pouco a pouco tudo se calou e disseram-me que o inimigo tinha fugido. Limpei a bayoneta alagada á manga d'um morto e olhei em roda. Uma sangueira que se empoçava, subia como uma maré, num diluvio vermelho como a luz d'uma navalha. Ao meu lado uma carreta estava labuzada á farta de mãozadas de sangue. «*Lembro-me como se fosse hoje!*» Um sargento da minha companhia sentado sobre uma caixa de munições accendeu o cachimbo e, puxando uma fumaça, largou a rir dizendo: «*Eia com seiscentos!*

Levaram uma coça! Olha aquelle!» e apontava, mofando, um soldadito imberbe que gemia, o bonet soqueixado, com lagrimas grossas como punhos a correrem pela cara mascarrada da polvora e do suor. *«Arrebenta-me esse alma do diabo!»* Um soldado foi e esmigalhou-lhe o craneo com uma coronhada, ao que o sargento repetiu no seu vozeirão escarninho. *«Foi até uma obra de caridade. Nunca elle dormiu em cama tão macia.»*

E puxando fumaças ria gostosamente, com um riso medonho, um ignobil riso de corvo ebrio. Era verdade. O soldadito escabujou um nada e quedou-se dormindo serenamente, naquella transição agoniada de Desgraçado para a felicidade eterna, tendo por esguião do leito o ceu immenso esquartelado de bizarras côres. Agora vinha elle roxo e cheio de verdete, debruado de vermelho no poente onde o sol se parecia afogar tambem em ribeiradas de sangue, como um rei mendigo que vá pelas estradas arrastando aos hombros um esfarrapado manto real de oiro e purpura.

De repente uma saraivada de ballas cahiu. *«Eram aquellas almas d'um raio que voltavam! Não tinham ficado contentes com a primeira coça!* E o sargento que assentado continuava a rir recebeu uma bala na cabeça que o fez ajoelhar, dobrado para traz como que de mãos postas, a arma cahida encostada ao hombro ficando-lhe na voz sumida alguma maldição inedita. Uma irmã da caridade que acompanhava um tumbeiro, cahiu ao meu lado quando passava com um crucifixo na mão. Uma bala perdida rebentara-lhe o escapulario e vi-a cahir, redondo, encharcando o capuz branco em sangue. Nova e bonita...

Um outro soldado cahiu tambem, e agarrou-se ao habito da irma com as mãos cheias de sangue num amarfanhamento de agonia. *«Os patifes fugilavam-nos agora a todos....»* Já não se ouvia rir o velho mocho do sargento: Só os baques surdos dos que cahiam a que as cornetas ao longe respondiam numa clarinada infernal. Então principiaram todos a fugir, ninguem se entendia. Berros, gritos, pragas e gemidos, toda a babel d'uma grande catastrophe. Eu estava atolado entre corpos que parecia que me não queriam largar, com tal sanha se agarravam. O visco d'aquellas carnes frias era como o corpo de grandes larvas que se tentassem arrastar por sobre mim. Tudo abalava.

Tive então que soccar valentemente alguns mortos patifes que profiavam em me segurar, em me chamar a si.

Olhei em volta. Ao meu lado a freira cahira a troche-moche, sobre um montão de cadaveres, a touca alva a emmoldurar-lhe e esbelteza do rosto, o habito arregaçado, sofraldada a veste, deixando ver umas pernas torneadas e roliças, de botas pretas atacadas, os braços semi-abertos como uma mulher que se offerece luxuriosa; um moribundo foi, rastejando, agonisar-lhe ao pé, corpo contra corpo, como se tivessem combinado dormir ambos na mesma cama aquella noite. E, abocanhando-lhe a veste, mordendo, era como se os olhos se lhe envidrassem num intimo espasmo de gozo.

Fugi tambem então. Tudo alli era amargo sob a tristeza d'aquelle ceu onde as gradações da côr eram desoladoras e tristes — azinhavre, azulloio e sangue — Do outro lado, no *Poente da Morte* ficava o velho sargento, assentado sobre os calcanhares, quebrado para traz, tomado de sobre salto na vizagem do riso, olhos fitante o azul, onde as primeiras estrellas a espreitar se debruçavam receiosas, babando-se como um sapo á quentura do sol, os olhos revirados...

Alumiava-se o ceu num rosicler de aurora...

«O velho marau já se não ria...»

Foi aqui, que grotesco, lembrando-se do sargento, o *Carcassa* largou gostosamente á gargalhada a rir, a rir, num grande rir farçola, dizendo:

..... *era tão pandego a piscar os olhos!*

Lisboa, 1903. (Do *Poente da Morte*). (Inédito).

João Penha

A grande arte

Ella não deixa, de maneira alguma,
Que eu tome ordens. E' pena, que hoje em dia
Um poema sem sermões não é poesia,
Não é grande arte, não é nada em summa.

Do mar glauco eu só canto a onda, a espuma:
Da terra o que é pueril, a phantasia,
As rosas, e a mulher, nossa alegria.
Mas, por ensaio, e com nervosa pluma,

Fiz um largo poema á Christandade.
Chamei da visinhança quem m'o ouvisse,
E tomasse o caminho da humildade;

Fui bello, mas depois do extremo «disse»
Vi, com dor, que d'aquella humanidade
Não havia exemplar que não dormisse!

28—X—03. (Inédito).

Alfredo Pimenta

TRISTEZAS

Tudo tam triste! A Natureza inteira
Chóra, callada, um chôro tam profundo,
Como a préce final d'um moribundo
Ao despertar na ancia derradeira...

Tudo tam triste! Frias gotas d'agoa
Banham de pranto as petalas das flôres
Q., adormecendo num sonhar d'amôres,
Vão acordar num tremulo de Magoa!

Tudo tam triste! As arvores esguias
Parecem murmurar *Avé-Marias*
A' sua doce Virgem da tristeza...

Tudo triste! Até eu um revoltado
Me sinto triste, inutil, desgraçado,
Ao ver a triste dôr da Natureza!

Guimaraens, 13—Setembro—1903. (Inédito).

ANTONIO CARVALHAL

POETA

Nascer poeta é fado singular
Neste paiz de glorias e tristezas...
Nascer poeta é imaginar bellezas,
Viver de sonhos, lagrimas cantar...

Nascer poeta é padecer e amar,
Ter illusões, ter fé, ter incertezas...
Nascer poeta é desprezar riquezas,
E só venturas d'alma desejar...

Poeta é ser mais que homem, quasi um Deus;
E' elevar-se da terra á luz dos ceus,
Entre estrellas e soes, sempre pairando...

Não é viver na lama e vis paixões,
Commettendo baixezas e traições,
Oiro, fama e prazer, ambicionando!

(Inédito).

ALFREDO GUIMARÃES

Dôr Obscena

DE

ARNALDO PEREIRA

A historia da Arte portugueza, iniciada nas paginas elegantes e mordidas de Eça de Queiroz, é uma historia pequenina, friamente brincada de luz e arôma, anemica já com a geração que marcha sem destino e sem talento.

A revolução artistica da França intellectual nas paginas fortes e rubras da *Bovary*, de *Flaubert*, com o dramatismo luctuoso e macabro da obra extranha de *Honoré de Balzac*, abriu uma estrada flammante e perfeita por onde, ainda hoje, as gerações litterarias de todas as nações seguirão, com Arte, o caminho da Verdade, quer commovidas e suaves na Arte de *Hugo*, quer frias e dolorosamente anatomicas, como o Mestre divino do *Nanã*.

Como Eça, com *Flaubert*, Junqueiro, com *Victor Hugo*, fez na sua geração — a maior, sem duvida, das portuguezas — a assombrosa revolução do Ideal livre, ancioso de Verdade, flammante e humilde, cortante e macio, rubro numa lucta homerica que fez do immortal Artista da *Morte de D. João*, depois da extincção do Santo que produziu o *Châtiments* e mesmo nesta sua phase mystica em que o julgo um pouco pobre e mal collocado, o maior Poeta que o mundo intellectual consagrou no seculo XIX.

Depois de Cesario Verde, frio e londrino, com um processo d'Arte que fez do seu *Livro*, lido sem interrupção, um trabalho monotono e nevoento; de Eugenio de Castro, elegante e fino como um *Sêvre*, colorido e aromatico no dilectantismo sensual e gelatinoso d'uma Arte puramente germanica, — Raul Brandão, Julio Dantas, Fausto Guedes Teixeira, Forjaz de Sampayo, Eduardo d'Almeida, Antonio Patricio — e dir-se-ha que a Arte agonisa em Portugal.

*

Editado por um dos mais notaveis livreiros portuguezes, o *Dôr Obscena* de Arnaldo Pereira, vem brevemente clamar á mocidade adocicada d'este payz que a phaze que nos abrange, nervosa e irresistivel, tem na Arte a suprema explosão de vitalidade.

Livro delicado e mordente, que o maior artista d'esta geração litteraria soffreu e burilou, esse livro extranho feito a Luz do talento, firma o nome d'um glorioso temperamento na historia descórada da Arte em Portugal, sendo um dos poucos volumes que podemos levantar, com orgulho, ao lado das biblias que Eça de Queiroz, Junqueiro, Gomes Leal, Cesario e poucos mais, nos deixaram no templo perfumado e forte da divina Arte.

De um cravo fulvo colladas as folhas d'oiro á rosada explosão do decote macio e palpitante d'uma mulher franzina — a pobre flôr doirada na excitação com que o sangue ardente do collo ruborisado lhe morde a carne honesta e baldia explue de vida, sanguineo e febril, ora dôce, ora blasphemo, e o Poeta vê nas palpitações excitadas e delinquentes do cravo envenenado d'amor, uma alma que soffre porque ama, que ama porque viu no sólo explendido d'aquella carne franca, o sol ardente do sangue inflammado sobre a terra nua e bemdita da carne fecundante.

Eis o assumpto rapido e difficil do poema elegante e macabro d'Arnaldo Pereira. Mordente por vezes, numas fugas brilhantes ao assumpto principal do *Dôr Obscena*, Elle retrata com ironia a figura official dos burguezes rotundos e velhacos:

"A fallência infeliz que lhes passou nas mãos,
Roubando-lhes o pão aos corações afflictos,
Deixou-lhes simplesmente, honrados cidadãos,
Uns cem contos de réis—para comprar palitos.

. . . . . .

Mas uns homens quaesquer que riam na calçada,
Quando os viam sumir na turba desordeira
Levantavam o braço, e com a mão fechada
Ficavam-se a dizer-lhe adeus d'essa maneira...„

.....

E no livro ha uns aspectos fortes e longos da vida rumorosa d'uma cidade agitada e febril, onde a luz se choca em brilhos transviados — sarcasticos, loucos, indolentes...

"Ondeavam no mundo os frémitos da Alma;
E numa pompa azul, pela amplidão do ar
A tarde flammejava intemerata e calma
Como um castello a ardêr num poente, ao pé do mar.

.....

Sentia-se o rangêr das carnes rumorosas
Apertadas na marcha, unidas, confundidas.
Fardas de generaes, luzentes e pomposas,
Abriam-se na luz como doiradas feridas.„

.....

E termina o volume bizarro com a confissão d'uma piedade humildemente lyrica do Poeta pela flôr vencida na sua grande lucta, cheia d'ancia na *Dôr* fecunda e *Obscena* da carne não possuida:

"Como flôres do luar, sempre cobertas d'agoa,
Choraremos os dois, longe do olhar dos ceus,
Já que nem sequer resta a confissão da mágoa,
Obscêna de mais para mostral-a a Deus.

.....

Deixa esse collo em chamma, ó flôr, que não acalma,
E vem chorar, como eu, sobre o meu peito nú.
Os poetas e as flôres são tudo a mesma alma;
Nem tu és mais do que eu, nem eu sou mais que tu.„

*

Este livro marca o caminho seguro por onde esta geração, piegas e tosca, tem de seguir na ancia dos seus nervos, quer escura e dolorosa, como as telas soluçantes de *Rembramdt*, e como as paginas fatigadas, viciosas e sangrentas de *Zola*, quer caprichosa e brincada no mais doirado ou humilde lyrismo, como as delicadas e primorosas sensações de *Rostand*, ou como as innocentes e divinas canduras de João de Deus.

E' na Arte e pela arte que deve começar a renascença do nosso nacionalismo, como diz Eça de Queiroz: e o *Dôr Obscena*, de Arnaldo Pereira, repito, o maior artista d'esta geração, é, na sua explendida factura, na abundante e valorosa vida das suas imagens, da côr original, flammante e castigada, da musica casta e junqueiriana de cada verso, o porta-bandeira da ultima geração portugueza. E, como grita o Poeta:

"A Arte d'hoje que virá, ovante,
Deve ser cheia d'uma seiva louca...„

.....

EDUARDO D'ALMEIDA

A ALMA DE EMILIA

(Conclusão)

Passados mezes, numa carruagem de primeira classe, elle seguia para o Porto a tratar duns negocios. Era um dia triste de inverno. Os braços nús das arvores agitavam-se, angustiosamente, sacudidos por um vento forte. A chuva batia nos vidros. O ceu muito escuro, os campos desertos. Accendeu um cigarro, embrulhou-se no *couvre-pieds*, e abriu um jornal da manhã. Ia decididamente aborrecido e a leitura não conseguiu distrail-o. Em Vizella, entrou no compartimento um par novo, bem trajante. Noivos pela certa. Ella, numa quietação forçada, resava-lhe baixinho umas pieguices que elle escutava, muito córado. Que praga! O eterno lyrismo choramingas, ameninado, a animalidade na lucta improficua de espiritualisar-se irritaram-no profundamente. Ha um milhar d'annos que o noivado é ridiculo, egualmente ridiculo, cheio de beijos, a musica dos nadas, a contemplação constante.

—Como te fica bem esse vestido de viagem!

—Achas?

—Se tu és sempre bonita.

—Obrigada

—Queres que te chame feia?

—Quero.

—Feia, feia, feia!

—Sou.

—Não és não, es muito bonita.

—Gostas de mim?

—Ainda o perguntas! Gosto muito.

A eterna banalidade da eterna mentira. Assim se procuram illudir, mezes inteiros, duas almas que se uniram para a vida! E, depois, é tam cruel a desillusão, tam amarga, tam pungente a verdade. O que lhe acontecera a elle, o que acontece a todos. Aquella Emilia tam loira, raynha voluptuosa em torneios de chagados versos, que lhe prendera a mocidade num encanto luminoso, que tinha habilidades artisticas apuradas, aquella Emilia... Um frasco de perfume cada semana e lavava os pés de mez a mez. Oh! que vida a d'elle! Para que se fazia escala para o casamento por madrigais? Para que phrases subtis, olhares langorosos, idylios suaves? Para que? Para que? Se ella havia de ser, fatalmente, a mulher forte, de intelligencia sã, de comprehensão nitida, a quem se havia de confiar todos os cuidados do lar, a cosinha, a lavadeira, a fidelidade das creadas, o socego, a honestidade domesticas.

Barbaros que se intrujam, que se notam qualidades, especie de sociedade de elogio mutuo, pedantes que se namoram delicadamente, que se enganam, que se mentem. Porque lhe não diz elle: aperfeiçôa-te, boneca estupida, allia ás habilidades o senso, borda a oiro e vigia pela cosinha, lê obras que te instruam e não lyrismos que não percebes; aperfeiçoa-te, boneca estupida, lava-te com agua fria, esfrega-te com sabão e perfuma-te depois; aperfeiçoa-te, boneca estupida, aprende a conhecer a realidade, estuda a vida? Sabes que virás a ser mãi um dia? Como ensinarás o teu filho? Que dotes tens que lhe transmittas? A pelle avelludada, o olhar languido? Se tu não sabes a tua propria lingua... Se tu não tens, mulher, a consciencia de ti. Teus filhos hamde ser tenros meninos loiros, bébés caprichosos, enfaixados como palhaços de mon-

tra. Um dia, quando homens, amaldiçoar-te-ham *cocotte* semsaborona que não tens vontade, que não sabes mandar, que não sabes vêr; mãi desnaturada que tens apenas o leite debil que os alimenta e um padre-nosso para ensino. Gata de borralheiro, mundana fiel.

O par, o delicioso par, em viagem de nupcias, procurava esconder-se, sumir-se pelo estofo sujo da carruagem. O vento assobiava com ironia e as nuvens pesadas corriam pelo ceu.

O desgraçado fumava sempre. Era já agora uma grande compaixão que elle sentia por aquelle outro homem que, brevemente, havia de pensar como elle e como elle chorar o desengano. Aquella mulher devia de ser como a Emilia de Guimarães, havia de o desesperar, de o suicidar lentamente, com os seus berros e ralhos estupidos, a perseguição das creadas, as meias rotas, as comidas eguais. A preoccupação unica pelos vestidos, pelos theatros, pelas reuniões e pelas visitas, nada que fosse para elle, para a sua alma. E eis ahi a independencia da mulher! na submissão cobarde, escravisada, á bolsa do marido, á sua vontade em tudo o que não fosse acompanhal-a á missa, o leval-a ás senhoras conhecidas e o dar-lhe divertimentos e chapeus. Onde o amor jurado? Quebrara-se com a grinalda na primeira noite — o cio viera e com elle a sensualidade. Por que não viveriam um para o outro na maior liberdade de criterio? Porque não havia ella de pensar d'elle como devia? Menos beijos, mais alma.

Beijos, beijos! envenenavam-no já — era a pieguice. Naquelle corpo de loira nada havia de grande, de nobre. E o miseravel ao recordar-se do que ella lhe segredára, quando se despediram nessa manhã, chorou escondidamente, desolado. Que desgraçados seriam os seus filhos, os filhos da raynha das loiras...

O comboyo parou. Um sino badalava tristemente e uma massa negra de fumo escurecia mais ainda a carruagem.

Janeiro—1903. (Inédito).

ANTONIO PATRICIO

Pescadores

A pesca que eu sonhei nas aguas d'um mar vago
— espumas d'oiro e sol, cristas azues de lua —
é longe d'esse mar dramatico e presago
por onde em barcos tristes vosso olhar fluctua...
E' sobre aguas serenas
que reflectem a rir as nossas penas,
por onde caminhou o Christo docemente
na paz christã d'um legendario poente...
Na pesca que eu sonhei iam os pescadores
(não como vós, roucos de dôr, as mãos crispadas)
sobre um mar de piedade aberto em flores
que o vento ia esfolhando em petalas nevadas...

A pesca que eu sonhei que vos importa
a vós os que partis nas roxas manhãs frias
e ouvis as aguas a rezar avé-marias
pela alma talvez da noite morta...
a vós que ides cumprindo esse destino
e sabeis entender a voz do vento
e tanta vez erraes no mar sem tino
olhando vagamente o ceu nevoento...
a vós irmãos das aguias que perdidas
vão doidas de saudade pelas brumas
e rezaes a chorar de mãos erguidas
os rozarios partidos das espumas...

No barco que afinal é o vosso lar das agoas
lançaes a vossa rede e as vossas magoas
ao mar sagrado do Senhor...
E tudo que elle diz — ladainhas de dôr,
rezas d'outomno, musicas, soluços —
como que o não ouvis se descançaes de bruços,
os claros olhos humidos d'amor...
Mas quando os ventos vão rasgar as velas
que tanto luar diaphano sagrou
e os lugubres fantasmas das procellas
cortam o ar d'inverno que gelou,
o peito nu, as magras mãos crispadas,
num esforço supremo a combater,
lembraes as vossas noivas desgraçadas
vossos filhos talvez a adormecer,
o adro, a casa branca, as romarias,
as vossas mães velhinhas sem ninguem
e as covas das ondas muito frias
e os outros, vossos paes, que Deus lá tem...

E as agoas mugem sobre vós num doido assalto...

Na vossa voz ha echos d'ondas no mar alto,
no vosso olhar ha coisas vagas, esquecidas,
tons de lua a morrer no collo d'uma onda,
vestigios d'illusões já resequidas
o mysterio do mar que ninguem sonda...

Levaes a cruz de Christo sobre o peito...
(Campo santo do mar que não tem cruzes!)
Se o leme parte ao temporal desfeito
e a espuma ri em turbilhões de luzes
quando cahis de joelhos a rezar,
os olhos vagos no pavor da morte,
pensaes que vão ficar no vosso lar
boccas sem pão gritando a vossa sorte...
E uma manhã bem roxa de piedade
vossas viuvas tragicas, de preto,
hão de beijar-vos loucas de saudade
e arrancar-vos do peito o amuleto...

Meus rudes e trigueiros pescadores,
olhos da côr do mar, unico livro d'Horas!
que não sabeis que quem supporta as vossas dôres
é santo e tem a benção das auroras...
Moradores do tumulo das agoas
em que dormis a rir como num berço,
poetas que deitaes vossas redes de magoas
lembrando o lar humilde em que se reza o terço...
Heroes que não sabeis o que é heroismo,
suicidas serenos d'aventura,
corações de creanças sem egoismo
a dizer orações á noite escura...

Queria embalar-vos nos meus versos e dizer-vos
que sou um vosso irmão e sinto nos meus nervos
e em todo o meu ser o vosso ser,
a ancia de partir, a alegria da volta
sobre as agoas erguidas em revolta,
a saudade de tudo o que eu maldigo
a dôr de errar na treva sem abrigo,
e a sede
de deitar docemente a minha rede,
como um pallio de luz por sobre o oceano...
Queria viver todas as vossas dôres,
as noites de mar bravo, os poentes de mar plano,
a vossa vida nómade no oceano...

DOMITILLA DE CARVALHO

Confrontos

Como as aguas se tornam em espuma
Na praia ao expirar,
As minhas illusões a uma e uma
Desfazem-se no ar.

Não podem repousar um só momento
As ondas inconstantes.
Não descança tambem meu Pensamento
Uns rapidos instantes.

E como se revolvem desventuras
Do fundo d'essas aguas,
Ha um longo rosario d'amarguras
No mar das minhas maguas.

Como ás vezes se erguem soluçantes
Tristezas no meu peito,
Debatem-se as ondas no seu leito
Em lucta de gigantes.

Mas na vaga inda ha pouco enfurecida
Ha longes de bonança.
E nunca mais acalma, e não amansa
O tormentoso mar da minha vida.

(Inédito).

RAUL BRANDÃO

NATAL DOS POBRES

NATAL...

Está um dia fosco de neblina incerta e tristeza. Para lá as arvores despidas não bolem. A vida parou. As nuvens andam a esta hora arrasto pelas encostas pedregosas dos montes. Não se ouve um grito. Tudo na natureza se concentra e sonha. Ha no emtanto um grande rio revolto que nunca cessa de correr...

Longe pelos caminhos, atravez de pinheiraes sumidos e callados, vão velhinhas tristes, de saia pelos hombros, para consoar nesta noite com os filhos. Andam tropegas legoas e legoas. As suas mãos callosas, as caras enrugadas, onde as lagrimas abriram sulcos, os olhos tristes, contam o quê ellas têm passado na vida, dias sem pão, suor d'afflicções, desamparos, máus tratos...

Os cavadores deixaram mortos os arados nos campos, que a chuva alaga. Que tudo repouse. O vinho d'hoje conforta, como as lagrimas choradas pelas nossas desgraças, o lume d'hoje aquece como o amor de nossas mães.

Nos soutos, sob a chuva que cahe mansa e continua, andam pobres que não têm lenha, a arrancar uma raiz esquecida, para se aquecerem. Deus os tenha na sua mão de pae. Partem, chegam, vêm de muito longe, para verem os seus meninos, matando saudades. Quasi não comem e sustentam filhos, sustentam netos. Os velhos, que têm atraz de si uma vida de martyrio e fomes, dizem:

—E' hoje o maior dia do anno...

Na lareira arde um canhoto. Cahe o nevão. A cosinha é negra, de telha vã, é negro o frio, mas as almas sentem-se agasalhadas. Por um buraco avistam-se as estrellas e uma pedra serve de lar. Ao estalido das pinhas, abafadas na cinza, repartem um pão que é o suor do seu rosto, bebem um vinho aquecido em arvores que as suas mãos cortaram.

Sentados ao lume não falam. As brazas vão-se extinguindo como um poente, ou como uma alma que vae deixar-nos. A Morte passa. No buraco do telhado a estrella reluz, o nevão cahe com um ruido de flôres desfolhadas, e cada um scisma em alguma coisa de indeterminado e vago, de longinquo: em certa hora da vida, na mãe, num filho ausente, naquella morta que passou seus dias a sacrificar-se por nós...

—O lume apaga-se...

—Deitae-lhe canhotos.

O lume apaga-se e as sombras da noite, em revoadas, vêm escutar-nos attentas.

Os pobres são como os rios. Estancam a sêde da terra, fazem inchar as raizes e crescer as arvores; acarretam; móem o pão nos moinhos. Eil-a a vida da terra. Todas as cathedraes se construiram da sua dôr: sem elles a vida pararia.

Natal dos pobres! natal dos pobres!... Porque é que creaturas miserrimas, encontram ainda na sua gelida nudez, horas para recordar e amar? Pobres repartem o seu pão; espesinhados dão-nos das suas lagrimas. Vinho quente! vinho quente e amargo, que sabe a afflicção. Chegam-se uns para os outros para se aquecerem. Nas enfermarias, nos sitios onde se soffre, os miseros e os doentes quedam-se muito tempo a scismar. Os pobres pensam que existem seres ainda mais pobres, lares

desamparados, onde nem o lume se accende; cuidam numa velhinha, que, a essa mesma hora, scisma abandonada e sósinha, ao pé de brazas extinctas, no filho doente, no filho ausente... Ha cabanas nuas, lares rôtos, almas mais gelidas que o nevão.

As lagrimas que se choram e se não vêm são as peores: cahem sobre a alma.

Sofia sobe as escadas com uma caneca de vinho quente, para repartir com o Gebo. Na sua physionomia ha um cansaço enorme.

A chorar, misturando-lhe lagrimas, o velho, mais gordo e todo branco, bebe o azedo vinho quente. Depois abraçados soluçam na trapeira fria. Fóra não se ouve rumor: as coisas ingeridas escutam. Põem-se a scismar na mãe que descança na terra encharcada. Tudo tão triste, dias sem pão, e o amor a prendel-os, a unil-os, mais forte que a desgraça. Não sentem odio, nem têm forças para gritos. Baixinho o velho Gebo e a filha choram aquella que a terra primeiro tragou.

—Se o Senhor tambem nos levasse...

E Sofia bebendo do mesmo copo:

—Tenha paciencia, tenha paciencia...

—Se o Senhor nos levasse juntos, na mesma hora... Cuido que não tinha tanto frio.

—Ahi tem pão.

—Sabes? Eu tenho medo de morrer. Se morresse comtigo, minha filha, não tinha tanto medo.

—A mãe lá nos espera. Na cova acabam-se as precisões e as lagrimas...

—Tudo se acaba na cova. Chegada a nossa hora, acaba-se tambem a desgraça.

—Aqui tem o vinho.

Natal dos pobres, noite de communhão, noite de lagrimas e saudades! Não é chuva que cahe sem ruido, são lagrimas. O Gebo abre a janella e põe-se a falar para a escuridão com palavras que a noite escuta, com palavras que a noite leva. Sofia o ampára.

GUILHERME BRAGA

No enterro de Laura

Abrem-te a cova e falam-me de esp'rança!
Bradam: — O eterno sol; o eterno dia!
E eu vejo sobre ti, pobre creança!
Rolar com som tremendo a terra fria...

Bem sei, bem sei que foste assassinada
Pela benigna mão d'um Deus sublime;
Mas, se elle é Deus e eu verme, é tudo e eu nada...
Como queixar-me do espantoso crime?

Posso acurvar-me á torva lei divina
Sem adoral-a, ante o juiz austero;
Mas beijar essa mão, que me fulmina,
A mão que te esmagou... não sei... não quero.

Que mal fazias tu, filha innocente,
Ao magnanimo Deus, ao Deus augusto?
E elle que é *bom*, matou-te lentamente,
Deu-te um supplicio atroz, elle, que é *justo*.

Já tres vezes da morte a vaga escura
Passára no meu lar — negro recife.
E eis outra vez aberta a sepultura,
Mudado o quinto berço em quarto esquife.

Nos arvoredos, nos beiraes das casas,
Por toda a parte eu vejo os passarinhos,
E a mãe que exulta e canta e bate as azas
De em torno aos fofos, palpitantes ninhos.

Nadam mil vidas numa gotta d'agua,
Do pollen d'uma flôr brotam mil flôres...
E ao seio d'uma mãe dá-se esta magoa!
E ao coração d'um pae dão-se estas dôres!

Dizem que vaes viver eternamente,
Colher d'outros jardins a florea palma
E eu sinto apenas a lethal serpente,
A duvida, enroscada na minh'alma.

Hei-de orar! Mas na sombra da consciencia
Não me luzem cá dentro ignotos brilhos...
Hei-de crêr? Mas a mão da Providencia
Tem garras para mim... rouba-me os filhos!

Revistas & Jornaes

A Chronica. Temos presente o ultimo n.º desta magnifica revista litteraria, dirigida pelo distincto poeta Albino Forjaz de Sampayo, a primeira, sem duvida, das revistas litterarias portuguezas.

No seu penultimo n.º, illustrado com o retrato do nosso talentoso collaborador Arnaldo Pereira, aquelle distincto critico escreveu, ácerca do *Idmhêa*, um artigo muito lisongeiro para o poeta, que é o mais bello estudo que sobre Elle temos lido nas muitas revistas illustradas com o retrato de Arnaldo Pereira, taes como — *A Aurora, Geração Nova, Alma Nova, Ala-Moderna*, etc.

No seu ultimo n.º, *A Chronica*, como é costume, vem collaborada pelos mais laureados escriptores portuguezes.

A Madrugada. Recebemos o primeiro n.º d'esta revista litteraria que se publica no Porto, dirigida por Novos, e que se apresenta agradavelmente redigida. E' uma plena Madrugada d'almas novas, abertas para a Arte, como as flôres para o espaço.

Longa vida e felicidades.

A Semana. Sobre a nossa banca, descançam os dois ultimos n.ºs d'esta magnifica revista d'Arte, açoriana, que, como sempre, vem optimamente collaborada.

JORNAES

O Arco-Iris, Imparcial, O Raio, Folha dos Caixeiros, O Lima, A Verdade, O Caixeiro, O Jornal de Monção, O Villarealense, O Commercio do Vez, etc.